

DESERTOS DE INFORMAÇÃO NO JORNALISMO INTERNACIONAL BRASILEIRO

Information deserts in Brazilian international journalism

Desiertos de información en el periodismo internacional brasileño

Angela Zamin¹
Jakson Dal Magro²

RESUMO

Analisa as manchetes da editoria de internacional nas capas dos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, em 2016. Busca compreender que temas e territórios ganham espaço e o que a escolha hierárquica dos acontecimentos diz sobre o jornalismo. Por meio de Análise de Conteúdo, discute a seleção e a hierarquização presente nas capas. Observa-se a preferência por territórios poderosos, sobrepostos a critérios de noticiabilidade negativos.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo internacional; Jornais de Referência; Critérios de Noticiabilidade; Análise de Conteúdo.

ABSTRACT

This text analyzes the international section headlines in the covers of three newspapers, *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* and *O Globo*, in 2016. It tries to understand which themes and territories gain attention and what the hierarchical choice of events says about the journalism. Through Content Analysis it discusses the selection and the hierarchy in the covers. We observed the preference for powerful territories, overlapping negative newsworthiness.

¹ Doutora em Ciências da Comunicação (UNISINOS). Professora do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM-FW. Líder do Resto – Laboratório de Práticas Jornalísticas (CNPq/UFSM). Email: angelazamin@gmail.com.

² Jornalista graduado pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Campus Frederico Westphalen. E-mail: dalmagrojakson@gmail.com.



KEYWORDS: International journalism; Reference journalism; Newsworthiness; Content analysis.

RESUMEN

Analiza los titulares de la sección internacional en las portadas de los periódicos *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* y *O Globo*, en el año 2016. Se trata de comprender qué temas y territorios ganaron espacio y qué dice la elección jerárquica de los acontecimientos sobre el periodismo. A través de análisis de contenido, discute la selección y la jerarquía en las cubiertas. Se observa la preferencia por territorios poderosos, superpuestos a criterios de noticiabilidad negativos.

PALABRAS CLAVE: Periodismo internacional; Periódicos de élite; Noticiabilidad; Análisis de contenido.

Recebido em: 24.02.2019. Aceito em: 24.04.2019. Publicado em: 01.05.2019.

Introdução

A editoria de internacional representa o maior volume de notícias dentro das redações. Durante todo o dia, são milhares de materiais vindos de diferentes países, por meio da rede informativa representada pelas agências de notícias, correspondentes, *stringers* e jornais de referência. Diante dessa vastidão de conteúdo, os veículos consolidados como de referência, no momento que selecionam acontecimentos, fazem de sua cobertura um alicerce referencial para outros meios de comunicação.

O jornalismo nasceu internacional e criou sua rede informativa antes mesmo de estar pautado em notícias regionais, porque as informações estavam ligadas, principalmente, a interesses mercantis, deixando em segundo plano as informações de interesse comunitário (NATALI, 2004). Entretanto, atualmente, cede espaço para as demais editorias e destaca outros temas nas pautas de internacional.

Nessa perspectiva, interessa responder que temas e territórios ganham espaço nas capas de *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo* e o que dizem sobre as escolhas da própria editoria a respeito dos assuntos e lugares que interessa cobrir, passados mais de 35 anos da Nova Ordem Mundial da

Informação e Comunicação (Nomic) – movimento entre os Países Não-Alinhados, de oposição ao fluxo informativo estabelecido pelas agências de notícias (AGUIAR, 2008; MELO, 2008).

A escolha das capas dos jornais enquanto *corpus* se dá pelo fato de que esse espaço gráfico prioriza, através de uma amostra hierarquizada, os assuntos que mais interessam para o veículo. Para Gomis (1991, p. 98), “sólo aquellos hechos que son más noticia que otros sobrevivirán en la implacable y necesaria selección que se produce en cada noticiario y en cada edición de periódico”. Outro fator que influencia a escolha dos acontecimentos que figuram nas capas, de acordo com Gomis (1991, p. 103), é sua “mayor capacidad de despertar comentarios y tener consecuencias que los que se presentan en el interior y éstos que los que van a parar a la papelera”.

Jornalismo de Referência

O “Jornalismo de Referência” também é compreendido pelas expressões “Jornal de Referência” ou “Imprensa de Referência”. No que chama de exercício de “pesquisa da pesquisa”, Zamin (2014, p. 939) considera um Jornal de Referência “aquele que serve interna e externamente de referência – tanto para a elite formadora de opinião, como para os meios de comunicação – sobre uma

parcela do mundo público, qual seja, o país ao qual se dirige”.

A proposição apresentada por Zamin (2014) é oriunda de uma meta-análise em que recupera estudos que discutem o conceito. Nesse sentido, Guedes (2010 apud ZAMIN, 2014) estabelece oposição entre as expressões “Jornalismo de Referência e Popular”. Enquanto o Jornalismo de Referência possui matriz racional-iluminista, o Popular vem da matriz dramática. Assim, não possuem os mesmos padrões pelo fato de estarem ligados a públicos e mercados distintos; os jornais populares atuam intensamente na dramatização, enquanto os de referência prendem-se ao contrato de informação, implicando compromisso com a credibilidade e maior nível de normalização.

Além da credibilidade diante da elite nacional, Molina (2007, apud ZAMIN, 2014, p. 931) justifica que, por serem os jornais “que mais influência têm sobre a opinião pública de seus países”, servem de referência internacionalmente. Dessa maneira, seu seletivo grupo de leitores é composto por líderes mundiais, intelectuais e políticos, devendo apresentar seriedade na tipografia, na composição e na estética, possuir linguagem culta e ser de apelo cosmopolita. Tais meios concedem relevância aos artigos de opinião e à discussão de temas políticos ao passo

que, por meio de investimentos tecnológicos e especialização de seus conteúdos, evoca um leitor mais culto e com maior interesse no que é público.

Faz-se necessário compreender os Jornais de Referência enquanto “instituições sociais que se relacionam com um sistema mais amplo de instituições – as civis, econômicas, políticas, religiosas, educacionais, etc. – e também empresas” (ZAMIN, 2014, p. 934) ao passo que, no plano simbólico, são produtores de um campo enunciativo.

Dessa maneira, o jornal exerce, segundo Imbert (1986, apud ZAMIN, 2014, p. 934), uma mediação simbólica, em que “torna-se instância produtora de cultura e uma cultura que se impõe como referência dominante”. Segundo o autor, isso é compreendido como o *poder performativo* de um jornal, um “poder formal, que confere realidade ao que nomeia, poder de institucionalizar quando diz, de dar caráter de realidade a tudo que publica e, por consequência, de anular simbolicamente o que omite” (IMBERT, 1986, apud ZAMIN, 2014, p. 935).

Ao analisar os jornais de referência em uma perspectiva histórica, Zamin (2014, p. 936) descreve-os como tradicionais, com “prestígio consolidado” e conservadores enquanto posicionamento ideológico. Exercem “uma supremacia mercadológica”, no

mercado publicitário, e também comunicacional enquanto informa as elites.

Acontecimento jornalístico

Diante do prestígio consolidado pelos Jornais de Referência, é necessário compreender as características que constituem a produção dos acontecimentos noticiáveis. Rebelo (2006, p. 17) entende que somente algumas ocorrências são acontecimentos, devendo apresentar potencial de atualidade, relevância e pregnância, ao passo que “nos incita a reconstruir esse nosso quadro de vida momentaneamente perturbado pela ocorrência inesperada”.

O acontecimento, portanto, nunca existe isolado do contexto no qual aparece (QUÉRÉ, 2005). Do ponto de vista da linguagem, é resultado de seleções e escolhas no processo de narração de um fato, visto que “para que o acontecimento exista é necessário nomeá-lo. O acontecimento não significa em si. O acontecimento só significa enquanto acontecimento em um discurso” (CHARAUDEAU, 2009, p. 131).

Assim, é tido como uma ocorrência inicial que necessita de uma interpretação para transformar-se em acontecimento jornalístico. Esse acontecimento é trabalhado discursivamente pelos *meias* a partir de lógicas de produção específicas do jornalismo, que seleciona

as ocorrências que condizem com os critérios de noticiabilidade.

Sendo a noticiabilidade “ligada aos processos que padronizam e tornam rotineiras as práticas de produção” (WOLF, 2008, p. 196), faz-se necessário ampliar o estudo no campo do jornalismo, de modo a aprofundar as discussões a respeito dos critérios de seleção no jornalismo de referência – compreendendo os Critérios de Noticiabilidade enquanto fundamentais para a rotina produtiva dos meios de comunicação.

A rede de critérios que constitui este campo pode ser compreendida a partir de Silva (2014, p. 52-53), que estabelece três conjuntos de classificação: (a) “Na origem dos fatos”, em que é realizada uma seleção primária considerando os valores-notícia; (b) “No tratamento dos fatos”, em que os eventos são selecionados hierarquicamente para além dos valores-notícia, levando em conta fatores internos e externos da organização; (c) “Na visão dos fatos, a partir de fundamentos éticos, filosóficos e epistemológicos do jornalismo”. Tais conceitos apenas orientam as ações nas instâncias anteriores, visto que os critérios de noticiabilidade não funcionam isoladamente.

De acordo com Silva (2014, p. 56), as etapas de seleção, hierarquização e tratamento recorrem aos valores-notícia,

um grupo de critérios que participa da construção noticiosa de um acontecimento “considerando a origem do fato, fato em si, acontecimento isolado, características intrínsecas, características essenciais, atributos inerentes ou aspectos substantivos do acontecimento”.

Na seleção primária, o veículo de comunicação utiliza como orientação os valores-notícia, entretanto, deve-se considerar, na seleção, “as influências organizacionais, sociais e culturais que este sofre ao fazer suas escolhas, os diversos agentes dessas escolhas postados em diferentes cargos na redação, e até mesmo a participação das fontes e do público” (SILVA, 2014, p. 56).

Percurso metodológico

O *corpus* deste trabalho é constituído por 26 edições de cada um dos jornais de referência nacionais – *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo* – do ano de 2016, totalizando 78 edições. A seleção dos dias é constituída por meio da técnica da semana construída (KRIPPENDORFF, 1990), neste caso, adaptada para a elaboração de um mês que compreende o período de um ano, sendo estudado por meio da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011; FONSECA JÚNIOR, 2009).

A utilização da técnica se deu a partir do seguinte ordenamento lógico: a

semana inicia no domingo; selecionam-se as edições do primeiro domingo do ano de 2016, 3 de janeiro (enquadrado como segunda semana do ano, pois os dias 1º e 2 pertencem a primeira semana); falha-se a terceira semana; seleciona-se a segunda-feira da quarta semana; falha-se a quinta semana; seleciona-se a terça-feira da sexta semana do ano; mantém-se essa lógica, consecutivamente, até o término do respectivo ano.

Essa técnica de organização do *corpus* de pesquisa permite que os sete dias da semana e os doze meses do ano tenham probabilidade de serem representados na amostra. A seleção aleatória e estratificada permite generalizar o comportamento dos jornais de referência aqui analisados em relação às suas respectivas coberturas da editoria de internacional e aos destaques em suas capas no período estudado.

Identificadas as edições, foi realizada a codificação das chamadas de capa. Utilizou-se como referência o formulário de codificação da Análise de Conteúdo, apresentado por Fonseca Júnior (2009, p. 296-297). O quadro foi formulado com o objetivo de traçar a disposição das chamadas nas capas, os países presentes, os temas abordados e a conotação dessas chamadas. Cada unidade de registro do formulário está inserida em um contexto de codificação, relacionados a seguir:

- a. **Tipo de chamada:** Registra de que maneira a chamada se apresenta na capa a partir do espaço ocupado. Em ordem de relevância estão dispostas: *chamada principal com fotografia* (pode ser apenas fotografia); *chamada principal*; *chamada secundária com fotografia* (podendo ser apenas a fotografia, mas ocupando destaque menor do que a imagem da chamada principal); e *chamada secundária*.
- b. **Território:** Identifica os territórios que aparecem nas chamadas de capa dos jornais como ator motivador da notícia. Uma chamada pode ser determinada por um fato envolvendo dois ou mais países, podendo, assim, o número de países acionados ser maior que o de chamadas.
- c. **Tema:** As chamadas são classificadas e agrupadas em categorias de mesma natureza, sendo elas: desastre ambiental; economia; eleições; política externa; terrorismo e tragédia. No decorrer da codificação, os seguintes temas foram incluídos a fim de enquadrar algumas chamadas: religião; saúde e violência sexual.
- d. **Conotação:** Classifica as chamadas de acordo com a emoção imediata

provocada por meio do tema e do sentido atribuído. Pode ser provocada exclusivamente a partir do tema tratado ou evocada de acordo com a contextualização e a interpretação exploradas pelo jornal. São divididas em: positiva, neutra e negativa.

Feita a codificação, os dados de cada jornal foram organizados e agrupados isoladamente, permitindo o cruzamento de informações. O primeiro momento da análise interpreta os dados a fim de compreender cada jornal separadamente. No segundo, os três jornais serão analisados comparativamente.

Resultados

O Estado de S. Paulo

Iniciou em 1875 e faz parte do *Grupo Estado*. Com circulação diária, é impresso em formato *standard*. Em 2016, sua rede informativa era conformada pela seguinte equipe de correspondentes: Cláudia Trevisan, em Washington (EUA); Ricardo Leopoldo, em Nova York (EUA); Célia Froufe, em Londres (Inglaterra); Jamil Chade, em Genebra (Suíça), e Andrei Netto, em Paris (França). Além deles, são colunistas fixos: Gilles Lapouge, de Paris,³ Gustavo Chacra, de Nova York –

³ Gilles Lapouge assina como correspondente, todavia, é colunista de *O Estado de S. Paulo* há mais de 50 anos. O jornalista francês trabalhou no

que até 2014 era correspondente do jornal –, e Lourival Sant'Anna. Aciona, também, *stringers*, sob a designação “Especial para o Estado”. Mantém o blog *Radar Global*, ligado à seção Internacional do impresso.

Compra materiais das agências: *Associated Press (AP)*, dos EUA; *Agence France-Presse (AFP)*, da França; EFE, da Espanha; *Reuters*, da Inglaterra, e *Bloomberg*,⁴ dos Estados Unidos. Também compra materiais para publicação no impresso dos jornais de referência *The New York Times* e *Washington Post*, estadunidenses, e do britânico *The Economist*.

Das 26 edições analisadas, 18 possuem conteúdo internacional (70%), totalizando 22 chamadas. O jornal, todavia, não deu relevância para a editoria, uma vez que recebeu apenas uma chamada principal sem fotografia e uma secundária com foto. As outras 20 chamadas (91%) são secundárias sem fotografia. Das 22 chamadas, 10 possuem conotação negativa, evocando os valores-notícia baseados no conflito, infração e morte, sendo estes, principalmente, vinculados às chamadas dos temas

terrorismo, desastre, tragédia e política. O número de chamadas de conotação positiva é praticamente inexpressivo, somente duas.

Verifica-se prioridade absoluta para o tema política, que representa 41% das chamadas, ao passo que eleições é o tema de maior destaque ao ganhar a única chamada principal, seguido de tragédia, com uma chamada secundária com fotografia. A respeito da associação entre temas e territórios, na política, França e Estados Unidos dividem a liderança, com duas chamadas cada. Eleições, política e tragédia nos Estados Unidos são temas que o jornal considera importante como chamada de capa. Venezuela foi destaque na economia, mostrando um país fragilizado pela crise. Em terrorismo, o jornal divide espaço para dois casos na Europa e dois casos na Ásia. Em desastres ambientais, há a presença de Japão e Peru, países historicamente afetados por desastres.

Estados Unidos é o território que mais interessa ao jornal, visto que recebe destaque em três dos seis temas abordados, aparecendo em sete chamadas, 30%. A França é o segundo país de maior destaque, com três chamadas, num total de cinco aparições da Europa, continente no qual importam assuntos ligados ao terrorismo e à política. A América do Sul aparece cinco vezes, sendo Peru e Venezuela os mais

jornal no Brasil, por três anos na década de 1950, na editoria de Economia.

⁴ Empresa de tecnologia e dados para o mercado financeiro e agência de notícias operacional em todo o mundo com sede em Nova York. Foi fundada em 1982 por Michael Bloomberg, ex-prefeito da cidade de Nova York.

destacados, com duas chamadas cada; desse continente, o jornal aborda principalmente a política, seguido de economia, desastre e eleições. O continente asiático aparece quatro vezes, priorizando terrorismo e política.

No total, os Estados Unidos aparecem mais vezes e também recebem maior destaque, sendo acionado na única chamada principal e chamada secundária com foto, além das cinco chamadas secundárias. Os demais países aparecem apenas em chamadas secundárias, sendo a França o segundo a receber maior destaque em razão da política e do terrorismo. Além de correspondentes nos EUA, Londres, Suíça e França, o *Estado* compra conteúdos de duas agências dos EUA, uma francesa, uma espanhola e outra da Inglaterra. Tem como referência dois jornais norte-americanos e um britânico. Verifica-se que os países que mais ganham destaque nas capas são também os territórios em que sua rede informativa está presente.

Folha de S. Paulo

Criado em 1960, pertence ao *Grupo Folha*. Tem circulação diária e é impresso em formato *standard*. O jornal mantinha, em 2016, correspondentes em Washington (EUA), Nova York (EUA), Buenos Aires (Argentina) e Madri (Espanha). São eles, respectivamente, Isabel Fleck, Marcos Augusto Gonçalves,

Sylvia Colombo e Diogo Bercito. Sylvia Colombo assina o blog *Latinidades* e Bercito assina *Mundialíssimo* e o *Orientalíssimo*, todos no site do jornal. A *Folha* tem colaboradores constantes em Tel Aviv (Israel), Londres (Inglaterra), Lisboa (Portugal) e Caracas (Venezuela), além de uma rede de *stringers* pelo mundo.

Compra materiais das agências *Reuters*, da Inglaterra; *Agence France-Presse (AFP)*, da França; *Agenzia Nazionale Stampa Associata (ANSA)*, da Itália; e *Associated Press (AP)*, dos EUA. Utiliza como referência os jornais *New York Times* e *Washington Post* (EUA), *The Guardian* e *Financial Times* (Inglaterra) e *El País* (Espanha).⁵

Das 26 edições analisadas, 17 possuem conteúdo internacional (65%), sendo que cinco (18,5%) ocupam o espaço principal, três são chamadas secundárias com fotografia (11%) e o restante chamadas secundárias (70%). São priorizados fatos de conotação negativa (44,5%) pautados na morte, conflito e infração, vinculados a temas como terrorismo, tragédia e relações políticas. O número de chamadas de conotação positiva é baixo, 18,5%. As edições priorizam a política, representando 50% das chamadas de capa, enquanto os demais temas recebem

5 Informações obtidas por meio do redator da agência *Folhapress*, Emerson Pires Voltare.

destaque consideravelmente inferior. Ao incluir os temas economia e eleições, tendo em vista a relação entre si, oferece mais de 70% do seu conteúdo referente à política internacional.

O jornal traz cinco chamadas principais com fotografia, além de três fotografias em chamadas secundárias. Observa-se maior interesse à política, com três chamadas principais com fotografia e duas chamadas secundárias também com imagem. O segundo tema que mais interessa são as tragédias, que ganharam uma chamada principal e uma secundária com fotografia. Em terceiro está a economia, que recebe uma chamada principal com fotografia.

A política é o tema que mais interessa para o jornal e também o que há maior representação de países da América do Sul, três, e da Ásia, quatro, enquanto a Europa é representada somente pela Alemanha. No terrorismo, importa somente a Europa, com uma chamada para a Alemanha e outra para a França. Na América do Sul, Brasil e Venezuela ganham destaque na política. Peru é o único representante do continente em eleições. Estados Unidos é o país que mais interessa, aparecendo em 26% das chamadas e sendo o principal destaque na política, eleições e tragédias. A Ásia é o continente com maior diversidade de países representados, oito. A Europa é representada por Alemanha,

França e Reino Unido, sendo a Alemanha o que mais interessa no continente, com três aparições. Da África, somente a África do Sul aparece.

Estados Unidos é o país que mais aparece e recebe maior destaque com uma chamada principal e outra secundária, ambas com fotografia. A Alemanha é o segundo, com duas chamadas com fotografia, uma principal e outra secundária. O Reino Unido recebe chamada principal com fotografia, fazendo da Europa o continente com maior destaque, seguido pela Ásia, com uma chamada principal com fotografia (Turquia) e uma chamada secundária com fotografia (Síria). Na América do Sul, o país que mais recebe destaque é a Venezuela, com uma chamada principal com fotografia.

É possível identificar a influência da rede informativa utilizada pelo jornal, uma vez que oferece maior destaque aos EUA e a alguns países da Europa, territórios que compreendem sua rede informativa – correspondentes nos EUA, Espanha e Argentina, além de comprar material de agências da Inglaterra, França, Itália e EUA. Utiliza como referência dois jornais dos EUA, dois britânicos e um espanhol.

O Globo

Fundado em 1925, é parte do *Grupo Globo*. Tem circulação diária e é

impresso em formato *standard*. Em 2016, possuía dois correspondentes internacionais, em Buenos Aires (Argentina) e em Nova York (Estados Unidos), Janaína de Figueiredo e Henrique Gomes Batista, respectivamente. Adriana Carranca é colunista da editoria *Mundo*. Tem eventuais *stringers* em Paris (França), Berlim (Alemanha) e Israel. Sua rede informativa constitui-se pelas agências: *Agence France-Presse (AFP)*, da França; *Assosiated Press (AP)* e *Bloomberg*, dos Estados Unidos; *Agenzia Nazionale Stampa Associata (Ansa)*, da Itália. Como referência, utiliza os jornais *Washington Post* (EUA) e *El País* (Espanha).⁶

Das 26 edições analisadas, 19 possuem conteúdo internacional, 73%. No total, são 21 chamadas, sendo duas chamadas principais com foto (9,5%), uma chamada principal (5%), duas chamadas secundárias com foto (9,5%) e 16 chamadas secundárias (76%). Prioriza-se a conotação negativa (57%) com valores-notícia pautados por morte, conflito e infração, derivados de acontecimentos ligados ao terrorismo, tragédia, conflitos e crises políticas. Somente uma chamada tem conotação positiva (5%).

Somada à eleição, o jornal traz 76% do seu conteúdo internacional de

⁶ Informações obtidas por meio da redatora do jornal *O Globo*, Marina Athayde Gonçalves.

capa referente à política. Reserva três chamadas principais, duas delas com fotografia, e duas chamadas secundárias com fotografia. O maior destaque é na política, com seis chamadas secundárias e uma nos demais tipos de chamada. Dos cinco temas abordados, três priorizam os Estados Unidos, sendo o país que mais interessa na política (20%), em eleições, com sete chamadas a respeito da corrida presidencial. Em tragédia, é o único país citado. O terrorismo só interessa nos países europeus, com uma chamada para a França e outra para a Alemanha.

Estados Unidos é o país que mais aparece (39,2%) e recebe maior destaque, ocupando duas chamadas principais com fotografia, uma secundária com fotografia e nove secundárias sem fotografia. Os continentes europeu e asiático recebem 9,6% das chamadas cada, porém, a Ásia recebe maior destaque com uma chamada principal, enquanto a Europa possui somente chamadas secundárias. A maior diversidade de países nas chamadas é do continente sul-americano, nove, sendo a Colômbia o maior destaque com uma chamada secundária com foto.

É possível identificar a relação entre os territórios e a rede informativa utilizada pelo veículo. Além dos dois correspondentes, compra conteúdos de duas agências norte-americanas, uma francesa e outra italiana e consulta um

jornal dos EUA e um da Espanha.

Comparativo dos jornais

Constatou-se que o jornalismo de referência nacional aborda temas referentes à editoria de Internacional em 70% das capas. *Folha de S. Paulo* é o jornal que mais dispõe de conteúdo internacional em suas capas, com 27 chamadas, enquanto *O Globo* possui 21 e o *Estado* 22 chamadas. Observa-se que o espaço destinado às chamadas é majoritariamente secundário, 87%, enquanto as principais chamadas somam somente 13%. *Folha de S. Paulo* também é o jornal que aferiu maior destaque para a editoria, com cinco chamadas principais com fotografia, 18,5%. *O Globo* é o segundo jornal que mais priorizou espaço para a editoria em sua capa, com três chamadas principais, sendo duas com fotografia, 14,5%. O *Estadão* atribui apenas uma chamada principal sem fotografia, 4,5%.

Os jornais priorizam os valores-notícia de conflito, tragédia e morte (48,5%), enquanto somente 11,5% das chamadas são de conotação positiva. O jornal que faz mais uso desses valores-notícia é *O Globo*, com 57% das chamadas de conotação negativa, enquanto *Folha* e *Estado* utilizam, respectivamente, 44,5% e 45,5%. A *Folha* lidera em conteúdo de conotação positiva, 18,5%. A política representa

65,7% das chamadas negativas, enquanto terrorismo, tragédia, desastre e violência sexual somam 25,8%.

A política também recebe maior destaque, com cinco chamadas principais, sendo quatro com fotografia, além de três secundárias com foto. Tragédia fica em segundo com duas chamadas principais e duas secundárias, ambas com fotografia, restringindo-se somente aos Estados Unidos. Em eleições, os jornais dedicam 85% de suas chamadas ao imperialismo estadunidense, 12, enquanto duas chamadas falam do pleito no Peru. Ao tratar de terrorismo, interessam os países ricos, da Europa, com seis chamadas; duas se referem aos países da Ásia. No tema política, a prioridade são os Estados Unidos, todavia, a maior diversidade de territórios aparece aí: nove países sul-americanos, seis asiáticos, quatro da América Central, quatro europeus e um africano.

Quanto à rede informativa dos jornais, há cinco correspondentes brasileiros nos EUA, sendo três em Washington (um de cada jornal) e dois em Nova York (*Estado* e *Folha*). Ainda, o *Estado* conta com um colunista em Nova York, elevando para seis o número de jornalistas brasileiros em território estadunidense. Das agências utilizadas, duas têm sede nos EUA, *Associated Press* (AP) e *Bloomberg*. O *Estado de S. Paulo* e *O Globo* utilizam as duas, enquanto a

Folha somente a AP. Também compõem a rede informativa os jornais de referência *The New York Times* e *Washington Post*. Nesse caso, *O Globo* usa apenas o *Washington Post*. *Folha* e *O Globo* têm correspondentes na Argentina. Na Europa, o *Estado* mantém três correspondentes e um colunista (Londres, Genebra e Paris) e a *Folha* um (Madri). AFP e EFE são usadas pelos três jornais; *Reuters* pelo *Estado* e *Folha*, e Ansa por *Folha* e *Globo*. Ainda, usam os britânicos *The Guardian*, *Financial Times* e *The Economist* e o espanhol *El País*. Os demais países são acessados a partir dos despachos das agências.

Figura 1: Mapa-múndi segundo o jornalismo de referência brasileiro

Fonte: Elaborado pelo autor.

Foi elaborada uma cartografia para ilustrar os territórios em destaque nas capas do jornalismo brasileiro de referência (**Figura 1**), evidenciando um deserto informativo compreendido pelos territórios que não são de interesse dos veículos (em cinza no mapa).

Considerações finais

A partir do mapeamento dos temas e dos territórios evocados nas 70 chamadas de capa oriundas da editoria de internacional dos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, permitiu-se observar os critérios de seleção utilizados pelos veículos, sendo

metade das chamadas baseadas em conflitos, tragédias e crimes. O tema que mais interessa é a política estadunidense, território que mais importa para as elites, inclusive quando se trata de tragédias, pois é o único que recebe capa diante desses acontecimentos.

O terrorismo, apesar de vitimar majoritariamente regiões da Ásia e da África, recebe maior destaque na Europa, evidenciando que o valor-notícia mais utilizado e historicamente fundamental para as elites continua sendo a proeminência das nações de elite. Esse apelo se justifica, além da quantidade de chamadas referentes aos Estados Unidos e a Europa, devido ao tipo de destaque aferido nas capas, sendo que as chamadas principais se referem principalmente a essas regiões.

Para a compreensão sobre a imprensa de referência brasileira é necessário levar em consideração sua rede informativa. Nesse sentido, evidencia-se o envio de correspondentes principalmente às nações de elite, onde também estão as sedes das agências das quais mais se compra conteúdo, ao passo que os jornais estrangeiros mais consultados pela imprensa brasileira também são desses territórios, em grande parte dos EUA e países da Europa.

Constata-se, assim, que passados mais de 35 anos da Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação, os

critérios de noticiabilidade continuam os mesmos, uma vez que os jornais brasileiros de referência formam e informam interesses de uma elite política e econômica, visto que o destaque para a cobertura de internacional representa somente regiões detentoras de poder. Para um país com a diversidade econômica, política e cultural do Brasil, observa-se que sua imprensa de referência não está alinhada à representatividade social, mas a interesses mercadológicos e políticos.

Referências

AGUIAR, Pedro. **Jornalismo internacional em redes**. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. **O discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. Análise do conteúdo. In: DUARTE, J.; BARROS, A.(orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GOMIS, Lorenzo. **Teoría del periodismo: como se forma el presente**. Barcelona: Paidós, 1991.

KRIPPENDORFF, K. **Metodología de análisis de contenido**. Teoría y Práctica. Barcelona: Ediciones Paidós, 1990.

MELO, J. M. MacBride, a NOMIC e a participação latino-americana na concepção de teses sobre a democratização da



comunicação. **Logos**, Rio de Janeiro, n. 28, ano 15, 2008, p. 42-59.

NATALI, João Batista. **Jornalismo internacional**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

QUÉRÉ, Louis. Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação**. Lisboa, n. 6, 2005, p. 59-76.

REBELO, José. Prolegómenos à narrativa mediática do acontecimento. **Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, n. 8-9, 2006. p. 17-27.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. In: SILVA, G.; SILVA, M.; FERNANDES, M. **Crítérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ZAMIN, Angela. Jornalismo de referência: o conceito por trás da expressão/Reference journalism: the concept behind the expression. **Revista Famecos**, v. 21, n. 3, p. 918, 2014.